

GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA

NOVA ESCOLA

GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA

NOVA ESCOLA

POR JOÃO MARCOS BIGON[1]

[1] Licenciado em História, Mestre em Relações Étnico Raciais pelo PPRER - Cefet RJ, professor formador, escritor e analista de projetos de educação do Instituto Identidades do Brasil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: POR QUE CONSTRUIR UM GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA? 5

2. CONTEXTUALIZAÇÃO: COMO SURGE O GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA? 7

3. O QUE É UM GLOSSÁRIO E QUAL A IMPORTÂNCIA DE REVER CONSTANTEMENTE NOSSO VOCABULÁRIO? 9

4. TERMOS QUE PODEM AJUDAR O PROFESSOR A SE LOCALIZAR 13

5. TERMOS (ANTIGOS E NOVOS) + ALTERNATIVAS AO USO 21

6. COMO USAR/PERSONALIZAR ESTE MATERIAL 50



Sankofa
“Retorne e pegue”
aprender com o passado para construir o presente e o futuro



Sesa Wo Suban
transformação, mudança



Boa Me Na Me Mmoa Wo
“Me ajude e deixe eu te ajudar”
cooperação, interdependência



Bese Saka
união, poder, abundância



Mmere Dane
“O tempo muda”
mudança, a dinâmica da vida



INTRODUÇÃO: POR QUE CONSTRUIR UM GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA?

> **Bom mesmo seria que o racismo não existisse, pois implicaria na inutilidade/ inexistência do antirracismo.**

Essa afirmação está na obra "Como ser um **educador antirracista**", da intelectual Bárbara Carine. Admitir que ainda vivemos em uma sociedade em que o **racismo** está presente e se manifesta de diferentes maneiras (inclusive na linguagem) é parte fundamental para olharmos com atenção para nossas práticas e refletir se são inclusivas ou excludentes. No caso da linguagem, que é atravessada também pelo racismo, termos e expressões que usamos no dia a dia carregam preconceitos e fazem referência ao passado escravagista do nosso país, atualizando estigmas. Por isso, a **Associação NOVA ESCOLA** criou este glossário com termos que precisamos eliminar do nosso vocabulário, além de apresentar, também, alternativas de usos. Este material é um ponto de partida para repensar a nossa linguagem cotidiana, mas certamente não dá conta da amplitude e variação do vocabulário do português brasileiro. Sendo assim, convidamos você, professora e professor, a utilizá-lo, mas também a ampliá-lo com outros termos que você perceba que ainda fazem parte do seu cotidiano escolar. Compartilhe-o também com seus colegas e coloque desde já essa mudança em prática.



2

CONTEXTUALIZAÇÃO: COMO SURGE O GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA?



Desde 2020, o Grupo de Trabalho por Equidade, da Associação NOVA ESCOLA, vem discutindo e pensando maneiras de reduzir as desigualdades que resultam da diferença de oportunidades acessadas por pessoas negras e não-negras. De início, essa era uma atividade focada em nosso público interno, voltado às pessoas colaboradoras da ANE. Uma das ações promovidas pelo grupo envolvia rever nossa linguagem e foi assim que começamos a desenhar o que viria a ser nosso Glossário Antirracista. Esse material foi, primeiro, desenvolvido colaborativamente, com diversas pessoas enviando termos que entendiam ser pejorativos e alternativas de uso. Chegamos, então, à primeira versão deste material.

No entanto, a partir das trocas com as professoras e professores que participam das diversas iniciativas da NOVA ESCOLA, entendemos que compartilhar o Glossário para além do time interno seria um ganho coletivo. Com mais olhares, o material ganharia potencial e alcance. Apostamos, portanto, nesse caminho e, em 2023, publicamos em nossa plataforma uma versão expandida, diagramada e para apoiar o trabalho docente.

De lá pra cá, recebemos críticas, comentários e sugestões para que o material ficasse ainda mais robusto. E é olhando para essa troca valiosa que chegamos aqui, acreditando que quanto mais pessoas se dispuserem a rever o próprio vocabulário, mais perto estaremos daquele nosso primeiro objetivo de reduzir as desigualdades.

Vamos juntas e juntos nessa?


3

O QUE É UM GLOSSÁRIO E QUAL A IMPORTÂNCIA DE REVER CONSTANTEMENTE NOSSO VOCABULÁRIO?

O conceito básico de glossário - do latim *glossarium* - deriva da ideia de se ter um tipo de catálogo de palavras que pertençam a uma mesma área ou ao mesmo campo de estudo, em que são definidas, explicadas e/ou comentadas. Também pode se tratar de uma lista de palavras obsoletas (ou caídas em desuso) ou do conjunto de comentários e termos sobre os textos de um determinado autor. Ou seja, a partir dessa definição, um glossário que se dedica a explorar as raízes linguísticas e os desdobramentos de termos e palavras fundamentalmente ou absorvidas por uma linguagem racista se propõe a organizar esse conjunto de termos que, munidos de sentidos diversos, colaboram para a manutenção de um sistema de desigualdade que tem a cor da pele como fundamento.

Afinal, nas palavras de Frantz Fanon:

> **Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.**
>
> (FANON, 2008, p. 33)

"Falar é existir absolutamente para o outro". Essa frase traz uma dimensão importante do quão urgente é a reformulação da linguagem. A linguagem é o que diferencia povos, o que proporciona poder sobre as coisas da vida material. A linguagem sempre foi o que instituiu o humano como humano e vinculou grupos sociais, raciais e civilizações inteiras. Na formação dos Estados Nacionais Europeus, foi a linguagem o elemento fundante do agrupamento de povos que, desbaratinados pela sociedade feudal, precisavam se organizar a partir de matrizes linguísticas comuns. Assim, os povos francos formaram a França e os anglo-saxões formaram a Grã-Bretanha.

Compreender a dimensão cultural da linguagem, como ela pode sustentar não só a dimensão da comunicação interpessoal como comumente pensamos, mas também sistemas de poder, culturas e modos de ser e estar no mundo, é compreender algo discutido por Fanon em O negro e a linguageme modos de ser e estar no mundo, é compreender algo discutido por Fanon em **O negro e a linguagem**:

> **Falar é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.**
>
> (FANON, 2008, P. 33)

Mas e quando uma civilização carrega na sua estrutura básica as marcas da **escravidão**? E quando uma civilização passa 400 anos de seus poucos 524 anos escravizando seres humanos de um grupo racial específico e, através desse sistema econômico, educa toda a sociedade a pensar, agir, sentir e falar de acordo com esse sistema?

Este é o Brasil.

Ou seja, falar no Brasil, falar português no Brasil é consequentemente suportar o peso de 400 anos de escravização e de racismo anti-negro.

A maior dificuldade das pessoas no Brasil inclusive é compreender a profundidade do sistema de racismo que estrutura inclusive a nossa linguagem. Há uma ingênua percepção de que o racismo se manifesta apenas na dimensão da linguagem ofensiva, direta e direcionada. Ora, se assumirmos que o racismo faz parte de uma estrutura e que colabora para a estruturação de toda nossa experiência enquanto povo, é natural que a linguagem tome as formas desse modelo de civilização.

Em **Crítica da razão negra**, Achille Mbembe aborda como o domínio e adaptação de uma linguagem própria serviu como forma de emancipar a população negra nas Américas:

> **O segundo momento corresponde ao nascimento da escrita e tem início no final do século XVIII, quando, por meio de seus próprios traços, os negros, esses seres capturados por outros, conseguiram articular uma linguagem própria, reivindicando o estatuto de sujeitos plenos do mundo vivo.**
>
> (MBEMBE, 2019, P. 14)

Um glossário antirracista cumpre o dever ético e pedagógico de extirpar dos nossos hábitos, dos nossos códigos e da nossa mentalidade essa necessidade de carregar na linguagem uma nação que por capturou a maioria do seu próprio povo em uma forma de comunicação que discrimina, inferioriza, desumaniza e desrespeita as pessoas negras.

Que esse glossário sirva para possibilitar que educadores/as e educandos/as resgatem o estatuto de sujeitos plenos em um mundo vivo.


4

TERMOS QUE PODEM AJUDAR O PROFESSOR A SE LOCALIZAR



Negritude

Atualmente, construiu-se uma noção de que **negritude** relaciona-se com a quantidade de melanina na pele de uma pessoa ou com o quanto ela sente-se pertencente ao grupo racial negro. O conceito de **negritude** precisa ser diferenciado do **Movimento da Negritude**, pois muito embora essas percepções se cruzem e, por vezes, até representem a mesma coisa, o Movimento da Negritude tem um recorte histórico, focado nas reivindicações da intelectualidade negra iniciada nos anos 1920 e toda a sua produção filosófica, artística e literária. Enquanto isso, o conceito de **negritude** representa algo mais amplo, que pretende referenciar as características de pessoas negras e sua cultura em todo o mundo.

REFERÊNCIAS:

DISCURSO SOBRE NEGRITUDE - AIME CESAIRE, 2010.

NEGRITUDE: USOS E SENTIDOS - KABENGELE MUNANGA, 2019.

Branquitude



Nos últimos anos, tem-se utilizado muito o conceito de **branquitude** como se este fosse um tipo de antônimo de **negritude.** É importante compreender que **negritude** faz parte de um sistema de resistência, enquanto **branquitude** é um sistema de poder e dominação. A branquitude representa a identidade racial branca. É um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais, isto é, toda a constituição de uma realidade civilizatória de reprodução do preconceito racial, discriminação racial "injusta" e racismo.

REFERÊNCIAS:

A MIRAGEM DE UMA BRANQUITUDE NÃO MARCADA. IN V. WARE (ORG.), BRANQUIDADE, IDENTIDADE BRANCA E MULTICULTURALISMO - RUTH FRANKENBERG, 2004.

O PACTO DA BRANQUITUDE - CIDA BENTO, 2022.

BRANQUITUDE: DIÁLOGOS SOBRE RACISMO E ANTIRRACISMO - LIA VAINER SHUCMAN, 2023.

Colonialidade

A **colonialidade** é a continuidade da expansão, reformulação e manutenção constante do pensamento colonial, sendo o motor para a estruturação racial das relações dominantes de poder, saber e ser. É denominada por alguns autores como o "**lado mais escuro da Modernidade"** (MIGNOLO, 2017) e é considerada a forma dominante de controle de recur-

sos, trabalho, capital e conhecimento limitados a uma relação de poder articulada pelo mercado capitalista desde o mundo moderno até os dias atuais. Por mais que o colonialismo tenha sido superado, a **colonialidade** continua presente nas mais diversas formas, nos discursos reproduzidos cotidianamente em nossa sociedade, nas relações interpessoais, na relação de poder entre países, estruturas sociais etc.

REFERÊNCIAS:

COLONIALIDADE DO PODER, EUROCENTRISMO E AMÉRICA LATINA - ANÍBAL QUIJANO, 2005.

EUROPA, MODERNIDAD Y EUROCENTRISMO - HENRIQUE DUSSEL, 2000.

Decolonialidade

Muito tem se discutido acerca do conceito de *decolonialidade*. Em resumo, ela pode ser definida como um caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também - e acima de tudo - uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. Assim, o pensamento **decolonial** se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados. É resultado dos estudos do grupo Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade (MCD) compostos por estudiosos como Aníbal Quijano (2005), Catherine Walsh, Edgard Lander (2005), Enrique Dussel (2000), Nelson Maldonado-Torres (2017) e Walter Mignolo.

REFERÊNCIAS:

DECOLONIALIDADE E PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO - (ORG) JOAZE BERNARDINO-COSTA, NELSON MALDONADO-TORRES, RAMÓN GROSFOGUEL, 2019.

Descolonização

Muitas pessoas confundem os conceitos de **descolonização** com a decolonialidade, no entanto, tratam-se de conceitos diferentes, bem como suas origens políticas. A descolonização implica no fim do domínio colonial exercido sobre um território. Esse conceito foi profundamente articulado na dimensão política dos países africanos e asiáticos no contexto do **Neocolonialismo**, no século XX. Para o filósofo e psiquiatra martinicano, Frantz Fanon, a **descolonização** é um projeto de pura violência, em que há a completa derrubada de um antigo projeto de mundo e o erguer de uma nova sociedade, com novos horizontes civilizatórios.

REFERÊNCIA:

OS CONDENADOS DA TERRA - FRANTZ FANON, 2022.

Genocídio negro

Genocídio significa a exterminação sistemática de pessoas tendo como principal motivação as diferenças de nacionalidade, raça, religião e, principalmente, étnicas. É a prática que visa eliminar minorias étnicas em determinada região. Quando o teórico e dramaturgo **Abdias do Nascimento** nos convida para a reflexão do termo atrelado às noções de raça negra em seu célebre livro **Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado** (1978),

tem por objetivo divulgar formalmente a profundidade do modelo de racismo que ocorre no Brasil, suas principais características, sutilezas, ramificações e os impactos disso na vida das pessoas negras do país.

REFERÊNCIA:
O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO: PROCESSO DE UM RACISMO MASCARADO - ABDIAS DO NASCIMENTO, 2016.

Necropolítica

O conceito criado e desenvolvido pelo historiador camaronês **Achille Mbembe**, popularizado no ano de 2020 por conta dos calorosos debates sobre os impactos da Covid-19 sobre a população negra em todo o mundo, foi desenvolvido a partir de reflexões do filósofo francês Michael Foucault (1926-1984). Para Foucault, o Estado Moderno fundamentava sua dominação sobre as massas por meio de dois pilares: **biopoder e soberania**. Achille Mbembe, debruçando-se nestes conceitos, articula a ideia de que a *Necropolítica* manifesta o poder do Estado Moderno no contexto colonial e pós-colonial de forma a organizar um modelo político de morte. Ou seja, os grupos que assumem lugar de subalternidade, sobretudo em territórios onde houve predominância da colonização, experienciam um modo de vida sob a égide da mortandade, seja ela por meio da violência direta, seja ela por más condições de alimentação, saúde, precarização da educação etc.

REFERÊNCIA:
NECROPOLÍTICA - ACHILLE MBEMBE, 2019.

Racismo recreativo

O conceito criado e desenvolvido pelo jurista e professor afro-brasileiro Adilson Moreira, popularizado no ano de 2019 com o lançamento do seu livro **Racismo Recreativo**, da coleção Feminismos Plurais, trabalha questões relativas ao âmbito do direito, da injúria racial e de como no Brasil opera uma lógica particular de discriminação racial: a manifestada em forma de brincadeira. Sobretudo no campo da cultura e das artes, a sociedade brasileira reforça estereótipos negativos sobre pessoas negras por meio de piadas e brincadeiras que tentam disfarçar a real gravidade do problema racial.

REFERÊNCIA:
RACISMO RECREATIVO - ADILSON MOREIRA, 2019.

Racismo estrutural

É um conceito criado e desenvolvido pelo atual ministro dos direitos humanos, o jurista e professor afro-brasileiro Silvio Luiz de Almeida, popularizado no ano de 2020 com sua entrevista no Programa *Roda Viva*, ajudou na divulgação do seu livro **O**

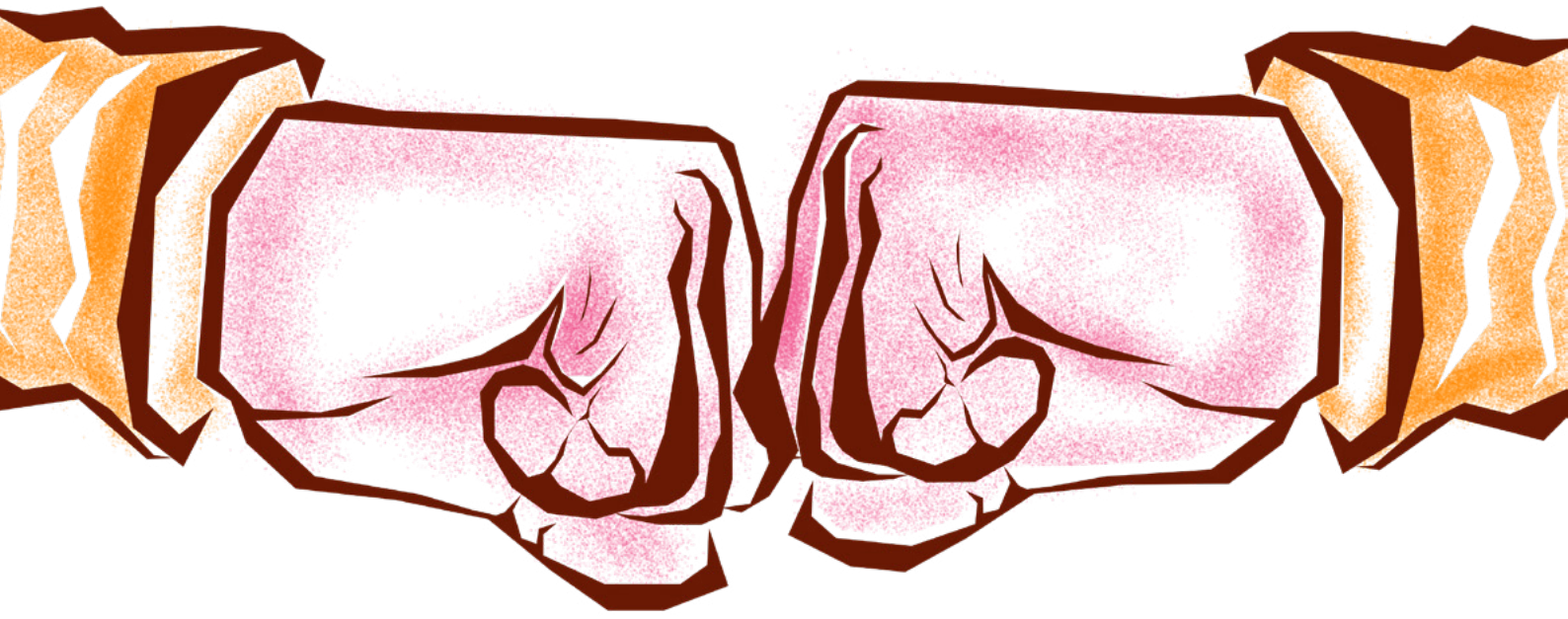
que é Racismo Estrutural, da coleção Feminismos Plurais. **Racismo estrutural** é a discriminação racial sistemática presente nas estruturais sociais. Ou seja, é o racismo enraizado na sociedade, que acaba estando presente em todas as instâncias sociais, sejam institucionais, políticas ou econômicas.

Trata-se do tipo de racismo que já faz parte da cultura de um povo e contribui para a perpetuação de desigualdades.

O **Racismo Estrutural** é, ao final de tudo, o próprio racismo em sua origem mais profunda. Tem origem na colonização e escravidão e perdura até os dias atuais.

REFERÊNCIA:

O QUE É RACISMO ESTRUTURAL - SILVIO ALMEIDA, 2018.




ovelha negra
DA COR DO PECAD
Ovelha negra

TERMOS (ANTIGOS E NOVOS) + ALTERNATIVAS DE USO

Da cor do pecado

Embora a noção de pecado não possua vínculo direto com a questão racial, a expressão "da cor do pecado" passou a integrar o vocabulário e o repertório linguístico do povo brasileiro como um conceito que manifesta preconceito racial por dois motivos importantes.

Um deles é a influência profunda que o pensamento judaico cristão, sobretudo de viés católico apóstolico romano tem nas entranhas da formação social brasileira. Aliado às noções de pecado, sagrado e profano, é também fruto desse pensamento um conjunto de ideias sobre pessoas negras como seres sem alma, cujos comportamentos eram potencialmente voluptuosos, violentos, sexualmente descontrolados, maliciosos e animalescos.

Com o sucesso da telenovela *Da cor do pecado*, exibida em 2004, o termo foi nacionalmente popularizado, sobretudo direcionado para mulheres negras. O fato da protagonista ser uma mulher negra nascida em região de praia e que se apaixona por um homem branco rico da cidade, reforçou uma série de estereótipos históricos de hiperssexualização de mulheres negras, relacionamentos interraciais e o pensamento popular acerca do pecado. O termo é uma micro violência que reproduz preconceito racial e de gênero.

ALTERNATIVAS DE USO

Não existe alternativa de uso.

Ovelha negra

Outro termo que originalmente não possui vínculo com a questão racial, mas que foi absorvida em solo brasileiro e que, por conta do histórico de escravidão e colonização, reforça ideias negativas acerca da cor preta. Esse termo é utilizado para referenciar-se a comportamentos destoantes ou rebeldes e relaciona-se também com o discurso religioso do cristianismo e as noções de obediência ao bom pastor (um dos termos vinculados a Jesus). Durante a Idade Média e após, foi muito comum utilizar cores escuras para representar pessoas, elementos ou eventos negativos.

"Ovelha negra" é um termo que em solo brasileiro foi contextualizado, difundido e anexado ao pensamento colonial de que a cor escura, sobretudo quando parte de características físicas, representa negatividade, enquanto o branco representa pureza e coisas boas.

ALTERNATIVAS DE USO:

Não existe alternativa de uso.

Samba do crioulo doido

A expressão “samba do crioulo doido” é comumente utilizada para referir-se a situações desorganizadas, sem sentido ou caóticas. Nela encarna dois tipos de discriminação: capacitismo e racismo.

“Samba do crioulo doido” é o nome de uma música escrita pelo compositor Silvio Porto, que por meio da canção, criticava o fato das escolas de samba agregarem o ensino de História do Brasil nos **sambas enredos**. Na canção, o “crioulo” ficaria confuso ao ter que explicar os diferentes momentos históricos em forma de samba.

> **Este é o samba do crioulo doido/ A história de um compositor que durante muitos anos obedeceu o regulamento/E só fez samba sobre a história do Brasil/ E tome de inconfidência, abolição, proclamação, Chica da Silva, e o coitado/ Do crioulo tendo que aprender tudo isso para o enredo da escola.**

Há uma série de questões problemáticas no uso do termo. Além do termo “crioulo” ser veementemente combatido nos EUA pela comunidade afro-americana, é no Brasil um dos vários termos pejorativos utilizados pelas ideologias de embranquecimento do início do século XX como método de fragmentar e diminuir a humanidade da comunidade negra. Outro ponto é utilizar o termo capacitista “doido” como forma de adjetivar negativamente uma pessoa que está confusa, perdida ou com dificuldade de en-

tendimento sobre algo. O último ponto apresenta a sutileza do que um linguajar racista manifesta de mais bem arquitetado: atrelar a figura de pessoas negras, e em nível maior a cultura popular (aqui representada pelo samba), aos velhos estereótipos de baixa intelectualidade, dificuldade de aprendizado e falta de inteligência no geral.

A história da música relaciona o negro a alguém que não é dotado de inteligência o suficiente para dar conta de temas como a história nacional, política ou debates sobre a sociedade. Além disso, reforça a ideia de que o samba não é um estilo musical para tratar de temas complexos.

O termo, atualmente, promove dois tipos de associações preconceituosas: uma é a de que o samba é um estilo musical em que cabe a confusão e o clima caótico e a outra é o reforço de estereótipos negativos sobre pessoas negras e sua cultura.



ALTERNATIVAS DE USO:

“Isso está uma bagunça/ confusão/ desordem/ desorganização!”.

Cor de pele



Muito utilizado no contexto escolar, sobretudo com o público da Educação Infantil, a ideia do lápis, giz de cera ou da ideia em geral de que existe uma única cor para definir o tom de pele das pessoas é apenas uma das formas de universalizar traços fenotípicos como a cor da pele em suas mais diversas formas por meio da ótica da branquitude. Em grande parte dos casos, o que foi chamado de **"cor de pele"** era um material de colorir que possuía a cor rosada clara.

Parece um detalhe, mas considerando a influência que o aprendizado sobre as cores tem na formação nessa fase da infância, ressignificar as noções do que pode ser cor da pele é não só parte de um processo de ensino-aprendizagem que visa valorizar a diversidade étnico racial, como também ajuda na formação de autoestima positiva das crianças negras, indígenas e asiáticas.

Educadores precisam compreender que o mesmo universalismo que tornou as noções de **homem** e **humanidade** em um sinônimo de raça branca é o universalismo que por muito tempo nomeou como "cor de pele" as cores rosada claro e/ou marrom claro. Construir educação antirracista é cuidar dos detalhes mais primordias do processo educativo.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Lápis cor-de-rosa claro" ou "Giz de cera da cor marrom claro".

Humor negro

Assim como o caso do termo ovelha negra, este é um termo que originalmente não possui uma origem vinculada às questões raciais. O termo "humor negro" surgiu pela primeira vez no livro **Anthology of Black Humor** (1991), do autor Andre Breton. O gênero muito utilizado na literatura e cinema é um derivado do estilo francês **humor noir**, no qual o teórico surrealista explorava algo para além da arte: a atitude ou postura em relação a temas sensíveis e desconfortáveis.

Assim, a origem do termo tem uma relação com a ideia de **sombra** da psicanálise ou com a ideia de "lado obscuro" e não objetivamente com a cor ou raça das pessoas. No entanto, como pensar a aplicação de um termo que traz a palavra **negro** na sua composição em um contexto como o do Brasil?

Como já refletimos, a fundamentação do colonialismo e do racismo no Brasil acaba por adaptar termos, ideias e conceitos dentro da égide do seu chão. Nesse caso, utilizar o termo **negro** como referência a um tipo de humor impopular, que mexe com temas sensíveis, às vezes negativos e/ou delicados, descaracteriza o conceito e carrega ele de outros sentidos, reforçando assim a noção de que tudo o que é negro é, por consequência, ruim.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Humor ácido".

Lista Negra



Termo originalmente utilizado para nomear listas de perseguidos políticos, normalmente considerados aliados do partido comunista ou organizações de combate aos governos de ideologia capitalista. Assim como ovelha negra e outros termos cuja origem é desconhecida ou não tem vínculo com a temática racial, **lista negra** reforça a noção de que a palavra negro ou negra possui um fundamento negativo.

Apesar de já haver uma série de debates e questionamentos dos linguistas, escritores e sociólogos que questionem a substituição e/ou proibição de palavras ou termos que não possuem origem racista, mas que amplificam o racismo linguístico e o preconceito racial, é necessário que profissionais da educação sempre compreendam a complexidade da fala, da língua e como ambas podem ser absorvidas por ideologias, discursos e práticas que operam no seio da sociedade.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Você está na minha lista inimiga".

Um pé na cozinha/senzala

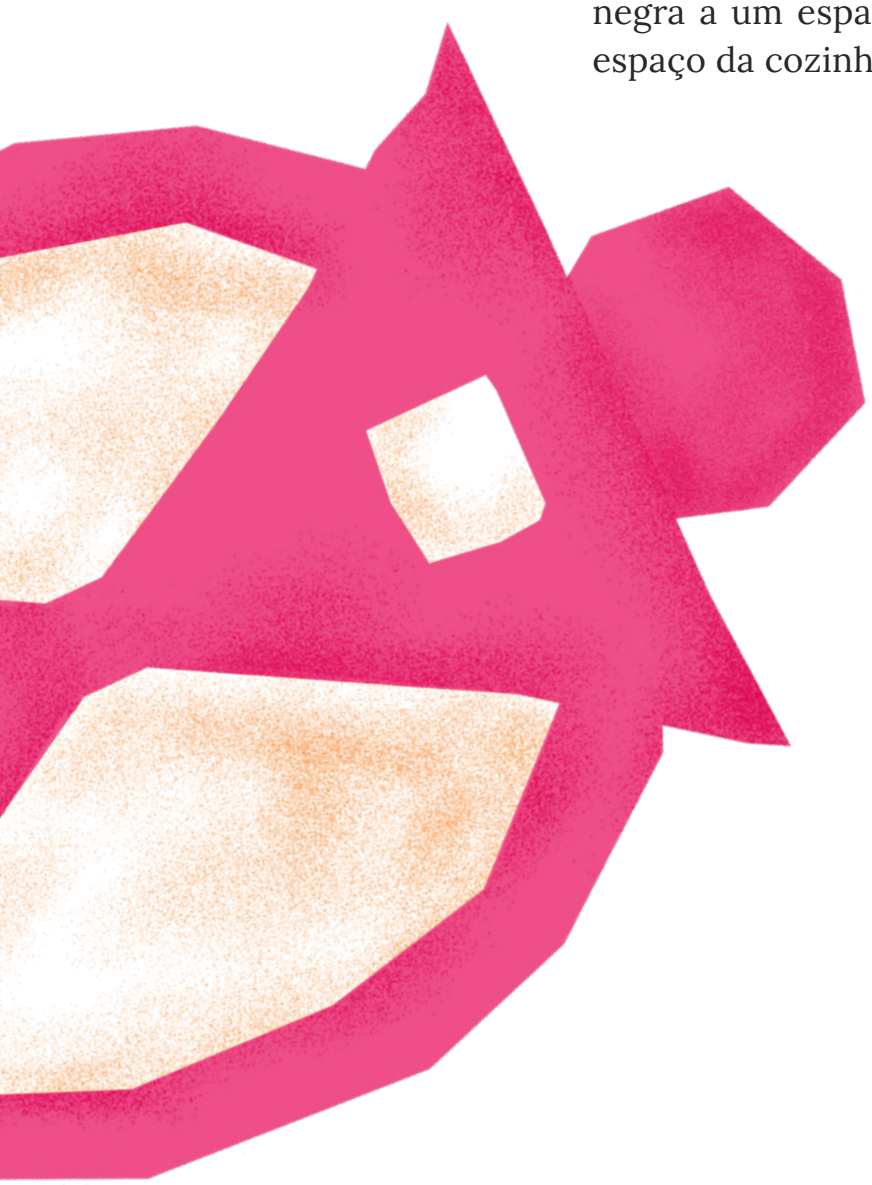
Esse termo é muito utilizado para se referir às pessoas negras de pele clara, denominadas pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como pardas, pessoas que possuem alguma ascendência negra ou comportamentos sociais relacionados à cultura negra.

Por conta do histórico de miscigenação brasileiro, projeto financiado pelo Estado com o objetivo de embranquecer a população brasileira, muitos termos foram criados para diminuir a ascendência negro-africana e com isso, afastar pessoas negras do processo de identificação positiva com sua raça/cor. Um desses métodos é sempre relacionar certos comportamentos a estereótipos negativos ou até ao processo escravocrata.

Esse termo está exclusivamente ligado ao período colonial e a construção espacial como uma ferramenta de produção da desigualdade racial. A senzala, por exemplo, era parte da geografia colonial e compunha uma das partes das fazendas de engenho. Era um alojamento de taipas e palha que tinha o objetivo de encarcerar as pessoas escravizadas. Segundo Gilberto Freyre em seu clássico - e polêmico - livro **Casa Grande e Senzala** (1933), ela ficava sempre em um campo de visão de onde o senhor de engenho pudesse regular a vida dos escravizados, exercendo controle sobre seus corpos.

A ideia de ter um pé na cozinha também envolve uma referência à geografia do mundo colonial que relegava às pessoas negras, em especial as mulheres, o lugar da cozinha como ambiente de trabalho e prisão. Quando observamos casas antigas e até apartamentos é sempre importante notar que a cozinha fica sempre nos fundos com uma entrada distante da entrada principal. Essa estrutura reproduz a construção excludente dos espaços no mundo colonial, bem como reforça estigmas da escravidão.

Utilizar esse tipo de termo é relacionar ascendência negra a um espaço de dor, suplícios, violência e o espaço da cozinha a um trabalho de subserviência.



ALTERNATIVAS DE USO:

“Você tem ascendência negra”.

Nega, Nego, Negão, Negona, Neguinho, Neguinha, Preto ou Preta

Há certa dúvida por parte das pessoas não negras sobre como se referir às pessoas negras. Para além dos fundamentos sociolinguísticos de alguns termos, é importante compreender que as pessoas negras devem ter autonomia para escolherem como querem ser chamadas.

Outra reflexão importante é pensar a situação inversa: quantas pessoas brancas são chamadas pelo grupo racial ao qual fazem parte?

Alguns termos como **neguinho, preto** e **nêga** possuem raízes em anúncios de vendas de escravizados dos séculos XIX. No entanto, a origem desses termos é inconclusiva.

Os movimentos negros organizados, sobretudo a partir da década de 1980, começaram a incorporar certos termos a fim de positivar uma linguagem antes utilizada de forma ofensiva.

O ideal é não reduzir a humanidade de uma pessoa negra reduzindo-a ao seu grupo racial. O ideal é sempre perguntar como ela prefere ser chamada.

ALTERNATIVAS DE USO:

Não existe alternativa de uso.

Serviço/ Trabalho de preto

Esse termo é comumente utilizado para atrelar a raça negra a algum tipo de serviço braçal ou posições de subserviência. Em outros casos, é um termo que vincula trabalhos mal realizados ao povo negro.

A despeito de 400 anos de trabalho forçado, motor da economia nacional e principal fator do enriquecimento das metrópoles, associar um trabalho relaxado ou mal feito com o povo negro é muito comum. É um tipo de discriminação que visa inferiorizar a raça negra, relacionando-a ao tipo de função ou trabalho desenvolvido.

ALTERNATIVAS DE USO:

Não existe alternativa de uso.

Denegrir

A raiz etimológica do termo vem originalmente da palavra em latim **denigrãre** (enegrecer, tornar manchado, macular). É uma palavra que tem vínculos diretos com as noções de cor, claro, escuro e objetivamente com a ideia de que escurecer algo antes claro ou limpo é algo negativo.

Muito direcionado para o aspecto moral, relacionado à conduta ou postura pública, o termo trabalha com ideias muito comuns na cultura europeia de relacionar a brancura com coisas boas e puras, enquanto a escuridão e a negrura estão vinculadas à coisas ruins e impuras (já falamos aqui sobre o caso da **ovelha negra**).

É um termo popularmente citado como fundamentalmente racista, porém não há em sua origem uma motivação racial. No entanto, como muitos termos aqui já citados, o sufixo da palavra carrega o peso que o radical da palavra **negro** tem em um país como o Brasil. Inconscientemente, ele estabelece uma relação de negativar a cor negra ou qualquer ideia de "escurecer" e tornar negro algo ou alguém.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Você está manchando a minha imagem!"
"Ele diminuiu a imagem pública dela!".

Inveja branca



Esse termo também possui origem desconhecida mas sua raiz mora no que sustenta o privilégio branco no Brasil: a ideia de que a brancura suaviza ou torna melhor alguém ou alguma coisa.

Ao relacionar o fato de que um tipo de inveja, de cor branca, é "menos inveja", ou seja, menos danosa que a inveja comum, o termo cria um tipo de entrelinha e reforça a ideia de que a inveja ruim é negra.

Parece um simples detalhe, mas a sutileza de uma linguagem ou dito popular fundado em um contexto como o do Brasil esconde esse tipo de ideia popularmente divulgada e utilizada até por pessoas de visibilidade e cargos de poder político, como ocorreu no ano de 2021[2].

ALTERNATIVAS DE USO:

"Senti até uma inveja boa dele!".

[2] **'Inveja branca': entenda porque o termo usado por Barroso é racista**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/10/06/inveja-branca-entenda-por-que-termo-barroso-e-racista.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 18 de Mai, 2024.

Não sou tuas negas

Termo popularmente utilizado no Brasil e reproduz dois tipos de violências: de gênero e raça.

A frase opera com uma dupla problemática, ambas originadas diretamente da sociedade colonial e da relação que senhores de engenho tinham com as mulheres escravizadas. A utilização do pronome possessivo tua faz referência à ideia de quem possui um outro ser humano, nesse caso específico, uma mulher negra.

Para além disso, a desvalorização de mulheres negras, como forma de explicar que o tratamento recebido é o tratamento ofertado às mulheres de "segunda classe", une-se a essa ideia de posse, comum no mundo colonial.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Não sou qualquer uma/qualquer um!".

Dia de branco



Essa é uma expressão que possui diversas explicações. Alguns historiadores (e até algumas explicações de senso comum) afirmam que a expressão foi criada em alusão ao uniforme da marinha. Outra justificativa para a o termo é feita com menção a nota de mil cruzeiros, que possuía a estampa do Barão do Rio Branco e, portanto, usava trajes brancos. Ou seja, dizer que o dia posterior é "de branco" significa que é um dia de trabalho ou de ganhar dinheiro, ignorando completamente o histórico de trabalho forçado de pessoas escravizadas no Brasil e o fato de que maior parte da população trabalhadora no Brasil é negra e exerce funções extremamente precárias, perigosas e hostis.

A expressão é muito utilizada e cria-se, novamente no que não é dito, o reforço negativo de que quando os dias são dias de preto, há um tipo de trabalho mal remunerado e de cunho exploratório.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Amanhã é dia de trabalho".

Mulata/o e Morena/o

Popularmente utilizada no Brasil setessentista, sobretudo para referenciar-se à pessoas negras mestiças de pele clara, normalmente bastardos/as frutos da cultura de estupro dos senhores de engenho com as mulheres escravizadas, o termo "mulato", por exemplo, referia-se ao filhote do cruzamento de cavalo de raça com jumenta ou de jumento com égua na língua espanhola. A relação morava no "cruzamento" entre um animal de "raça pura" e outro animal de "raça inferior".

Além disso, ambos os termos são fruto de diversas nomenclaturas que serviam para fragmentar a população negra brasileira, fortalecendo assim a desunião que era conveniente para os senhores de engenho, pois dificultava a organização política, revoltas e/ou fugas. Os termos são amplamente encontrados em anúncios de venda de pessoas escravizadas do século XIX e foram amplamente divulgados por meio das teorias eugenistas do século XX, que visavam embaralhar a identidade nacional criando hierarquias raciais para inferiorizar pessoas negras e indígenas.

Muitas vezes, os termos também são relacionados à ideia de exportação, reiterando a visão mercadológica do corpo da mulher negra, reforçando a velha ideia de desumanização do período escravocrata.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Aquela moça negra de pele clara bem ali ao lado"
"Eu me identifico como um homem pardo!".

Cabelo ruim/ Cabelo duro

Popularmente utilizada para se referir à cabelos crespos, o termo não tem uma origem definida, mas é muito utilizado em escolas, sobretudo como prática de **racismo recreativo** (MOREIRA, 2019).

Assim como termos que relacionam de forma silenciosa a raça branca a coisas boas e a raça negra a coisas ruins, esse termo não menciona em nenhum momento a cor de quem tem cabelo ruim, porém, é inconscientemente tratado como um sinônimo de cabelo crespo e cacheado.





ALTERNATIVAS DE USO:

"Aquela moça tem cabelo crespo".

Mercado negro

O mercado negro é um termo que refere-se aquele que promove ações comerciais ilegais, mais uma vez é a utilização do termo negro sendo usado com conotação desfavorável. É mais um termo que não possui origem etimológica focada nas questões raciais, mas que, ao ser absorvida pela língua portuguesa, seus signos e significados reforçam estereótipos de que tudo que é negro é ruim, obscuro, confuso ou, nesse caso, ilegal.

Quando olhamos para as entrelinhas do uso inconsciente do termo, sobretudo com foco na área da educação, o termo legitima uma série de injustiças penais que fazem com que quase 70% da população carcerária brasileira seja composta por pessoas negras[3]. Relacionar mercado ilegal com a raça negra fortalece as noções que a sociedade tem de que pessoas negras são potenciais marginais ou que agem em ações ilegais.

ALTERNATIVAS DE USO:

"Li uma matéria sobre o tráfico de armas no mercado ilegal"

[3] **População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica.** Disponível em: <População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica | Agência Brasil (ebc.com.br)>. Acesso em: 18 de Mai, 2024.

A coisa está preta

Assim como outras frases já citadas, o termo de origem desconhecida, reproduz racismo na associação que estabelece entre a cor preta com alguma situação desconfortável, desagradável, difícil ou perigosa.

A constante associação da cor preta e sinônimos como negra e escura com situações negativas estabelece, no inconsciente de estudantes, uma relação de inferiorização e marginalização do povo negro, sobretudo na primeira fase da aprendizagem.

ALTERNATIVAS DE USO:

“Me disseram que a coisa está complexa lá no bairro dela”.

Encrespar

O termo comumente utilizado para se referir a situações dificultosas possui relações diretas com a palavra crespo. Ou seja, relaciona o cabelo emaranhado de pessoas negras à dificuldade ou situações ruins. Diferente dos demais, é uma expressão popular, portanto possui uma origem etimológica diferente do sentido que lhe foi empregado.

ALTERNATIVAS DE USO:

“Eita, a situação complicou aqui”.

O chicote está estalando/ Me chicoteando

Ambos são termos que remontam aos castigos direcionados às pessoas escravizadas. Muito embora sejam palavras que originalmente não possuem nenhum vínculo com as questões raciais, o fato do emprego da frase ter se tornado uma expressão idiomática, gíria ou dito popular no Brasil, reflete a falta de sensibilidade das pessoas com o contexto da escravidão e com pessoas negras no geral.



ALTERNATIVAS DE USO:

"O bicho está pegando!"
"Você está me martirizando!".

Escravo ou “Trabalhei que nem um escravo”

A origem etimológica do termo é derivada do latim **sclavus** que se referia ao povo eslavo, que era a maior parte das pessoas escravizadas após as guerras na Idade Média. No entanto, o uso do termo, historicamente utilizado no Brasil para se referir à condição das pessoas africanas e seus descendentes, é errônea.

O termo mais correto deve ser **escravizado** e **escravizada**. O motivo é a perspectiva sobre a condição a qual a pessoa em questão passou a ocupar a função social em uma civilização que teve a escravidão como sistema socioeconomico. Quando uma pessoa é escrava, quer dizer que ela ou possui aquela condição de maneira inata (ou seja, nasceu como escrava) ou sempre esteve em condição de privação de liberdade. Já uma pessoa escravizada é um indivíduo que foi condicionado à condição de suspensão a essa liberdade.

Por muito tempo, o primeiro foi utilizado de forma estratégica, pois, assim, a sociedade brasileira reproduziria a ideia de que a escravidão era um “processo natural” e completamente relacionado com a raça e a cultura negra.

ALTERNATIVAS DE USO:

“As pessoas escravizadas na sociedade colonial viviam sob condições insalubres”.

Judiar

O termo popularmente utilizado e que tem diversos significados como “maltratar, torturar, infligir sofrimentos” tem na sua etimologia o pensamento racista antissemita.

Ao nos depararmos com uma palavra cujo prefixo principal é a palavra **judeu**, podemos compreender que é um termo que relaciona o povo judeu com a condição de essencialmente maltratado e torturado.

Outra perspectiva defendida por alguns historiadores é que o termo teria vínculo com a noção de “sofrer como um judeu”. O que não torna o termo menos racista e problemático.

Assim como a escravidão colonial, o holocausto foi um evento histórico violento e lamentável ocorrido no século XX. Evitar usar esse termo é apenas um pequeno exercício de respeito e empatia pelo povo judeu.



ALTERNATIVAS DE USO:

“Não precisa maltratar assim o rapaz!”.

Programa de índio/ índio/ tribo

O termo, que não possui uma origem certa, reflete o preconceito que a sociedade brasileira manifesta pela cultura e tradições dos povos originários. Inicialmente, o termo “programa de índio” se referia a atividades que envolviam a natureza e por isso, podiam ser desconfortáveis.

A noção de que a vida de pessoas indígenas ainda se prendem aos estereótipos de selvageria e vida primitiva, como se indígenas (mesmo aldeados) não possuíssem uma estrutura de sociedade organizada e desenvolvida é parte desse olhar etnocêntrico que a colonização implantou no embrião da sociedade brasileira. Quando observamos o próprio uso do termo “tribo” por parte de algumas pessoas, percebemos como há um profundo desconhecimento acerca da vida dos povos originários e suas experiências aqui e em outros países. Antropólogos e pesquisadores já decaíram com o termo “tribo” como definidor das comunidades indígenas organizadas. Os termos “aldeia” ou “território indígena” expressam de forma mais respeitosa e adequada a complexidade e organização dessas comunidades.

O termo “índio”, presente durante tanto tempo no vocabulário brasileiro, canções e livros didáticos também expressa generalizações racistas e etnocidas. “Índio” funciona como uma generalização e não considera todas as especificidades que existem entre os povos indígenas. Já o termo “indígena” é uma palavra que significa “natural do lugar em que vive”. E serve para denominar todo povo nativo de um determinado território. O termo exprime que cada povo, de onde quer que seja, é único.

ALTERNATIVAS DE USO:

“Aquele rapaz é indígena da aldeia pataxó”.

Branco de alma negra/ Tenho até um amigo negro

Ambos os termos, muito utilizados no Brasil, servem para tentar diminuir o privilégio de pessoas brancas em relação à pessoas negras ou justificar uma atitude racista como algo menos grave do que é. Em ambos os casos, a frase vira um recurso não de propor uma reflexão sobre ética e sensibilização diante do problema racial, mas sim, retratar de forma oportunista a pessoa branca em questão, reforçando ainda mais um problema racial.

Chamamos isso de tokenismo. O tokenismo trata-se de uma inclusão simplória e concessões superficiais a grupos minoritários. Sua raiz etimológica vem do termo **token**, que significa **símbolo** em inglês. O termo, surgido na década de 1960, no contexto da luta dos afroamericanos pelos direitos civis, tem relação direta com ambas as frases aqui citadas.

Uma pessoa branca não deixa de ser branca e nem menos racista por ter qualquer tipo de vínculo, gostos ou proximidade com pessoas negras e sua cultura.

ALTERNATIVAS DE USO:

Não há alternativa de uso.

Estampa étnica

Termo popularmente utilizado para se referir à padronagem de tecidos que fogem dos modelos europeus, normalmente estampados com cores e símbolos africanos, de origem nativo americana e ou do continente asiático. A ideia de que há uma estampa étnica e que essas etnias nunca são europeias reforça o universalismo e o etnocentrismo europeu, bem como o fetiche sobre culturas não europeias e suas produções.

A expressão reforça noções de que o europeu não possui em seu território diferentes etnias e que racializados são todos os povos não brancos do mundo, produzindo assim uma visão exótica sobre essas culturas e suas produções.

ALTERNATIVAS DE USO:

“Esse tecido é de estampa africana”.

Beleza exótica



Há o uso constante deste termo quando uma pessoa negra não corresponde à expectativa que pessoas brancas têm da sua aparência. Como o ideal de beleza é a brancura, sempre que pessoas negras são consideradas belas, essa beleza é tratada como um tipo de distorção do ciclo natural das coisas. A beleza negra acaba sendo tratada como um tipo de anomalia. Assim, na tentativa de elogiar, algumas pessoas brancas acabam por tratar essas pessoas negras bonitas como exóticas. Termo muito utilizado para falar de plantas, comida ou tudo o que foge da "normalidade".

ALTERNATIVAS DE USO:

"Esse evento é um show de beleza negra.".



COMO USAR/PERSONALIZAR ESTE MATERIAL

Há mais de 178 mil escolas de educação básica no Brasil. Cada uma dessas instituições tem uma rotina, potencialidades e conflitos próprios. Cada escola é um universo. Na construção deste glossário, foram consultados professores, coordenadores pedagógicos, gestores e outros profissionais da educação. Ainda assim, seria impossível abranger todas as especificidades geográficas, culturais e de experiências presentes em cada escola brasileira. Por isso, recomendamos fortemente que você amplie este material com novos termos que façam parte do seu cotidiano escolar.

Algumas possibilidades são:

Usar o Glossário antirracista na formação de professores e fazer um levantamento de termos adicionais;

Usar o Glossário antirracista na formação de outros profissionais da escola (portaria, limpeza, secretaria etc.);

Trabalhar com o glossário na sala de aula com os estudantes e pedir que levantem novos termos;

Promover roda de conversa com as famílias, nas reuniões escolares;

Utilizar na mediação de conflitos que envolvam racismo na escola.

Quer compartilhar conosco como usou? Escreva para **redacao@novaescola.org.br**

Obrigada pela leitura!


NOVA ESCOLA